



APRESENTAÇÃO

O dossiê "Crenças Afro-brasileiras: presença, diálogos e respeito" é o resultado de três dias de debates no GT de mesmo nome, realizado durante III Simpósio Internacional e 16º Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABRH), em Florianópolis (SC), de 11 a 14 de outubro de 2018. O GT recebeu apoio institucional do Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER/IH/UFRJ) e foi coordenado pelos professores Gerson Machado (MASJ/Unilasalle) e José Henrique Mota Oliveira (UFRJ).

Naquela oportunidade, observamos o quanto as produções acadêmicas voltadas ao campo religioso evidenciam a necessidade de aprofundarmos o conhecimento dos discursos e dos personagens envolvidos nos fenômenos religiosos afro-brasileiros, valorizando-os e estabelecendo diálogos transversais em prol da construção de uma cultura de respeito às diferenças. Pois, não se pode negar que, ainda, tropeçamos em situações de intolerâncias, desrespeitos e violências motivadas pelas identidades religiosas. O GT representou a oportunidade de estabelecer redes entre pesquisadores a fim de compartilhar metodologias, fontes e referenciais diversos.

As pesquisas apresentadas durante o certame trouxeram à luz inúmeras disputas no campo religioso brasileiro ao longo do século XX, demonstrando que o processo de legitimação das religiosidades de matriz africana é um esforço antigo, marcado por tensões simbólicas que envolveram católicos, protestantes, espíritas, candomblecistas e umbandistas em todos os estados do país. Aproximações e diferenças foram e ainda são, constantemente, evocadas para legitimar práticas e rituais.

No passado, o discurso adotado pelos intelectuais da umbanda evidenciava a preocupação de tirar a religião das páginas policiais e de oferecer às autoridades e à sociedade os meios para diferenciar a "verdadeira" religião do "falso" espiritismo e da magia negra. E, neste sentido, chegou-se até a negar a presença da África na

Umbanda, fato que alimentou intrigas e desentendimentos entre os próprios adeptos.

Por sua vez, os Candomblés, à medida que deixam de ser religiões étnicas assumindo o escopo de religiões universais, dialogam de forma franca com narrativas que fogem às ideias de originalidade e purismo as quais, por muito tempo, serviram para balizar análises e interpretações, passando a compor e recompor repertórios que se misturam com práticas e sinais distintivos proveniente de diversas tradições. Sobretudo, tais denominações são parte de um terreno movediço que incorpora novas e cambiantes formas de se elaborar subjetividades e identidades grupais.

Por fim, na contemporaneidade, as casas de culto passaram a ser percebidas como espaços privilegiados à promoção de procedimentos educacionais formais, informais e não-formais, os quais permitem o diálogo entre conhecimentos populares, religiosos e científicos. Do mesmo modo, os diálogos interdisciplinares promovidos entre inúmeras fontes de saberes nas escolas da Educação Básica apresentam-se como uma possibilidade de se consolidar como um ambiente pacífico de convivência inter-religiosa.

Nesta perspectiva, compartilhamos com os leitores da "Revista Jesus Histórico e Suas Representações" as reflexões que estimularam aqueles três dias de debates e que compõem, agora, esse dossiê.

O artigo de Ana Clara de Souza analisa a construção do campo umbandista a partir das disputas de dois núcleos: o cristão-espírita e o afro-brasileiro, os quais agentes, discursos, práticas e rituais marcam diferenças e proximidades. A referida pesquisadora, parte da hipótese de que a umbanda, orientada por teorias religiosas exógenas à religião, passa a se organizar a fim de construir a legitimidade de seus símbolos dentro de um campo maior, que pode ser denominado como brasileiro. Este cenário será marcado por disputas simbólicas com outras correntes religiosas que também buscam espaço nas últimas décadas do século XX.

Elaine Cristina Machado, por sua vez, analisa o alargamento do campo religioso de Joinville (SC), cidade fortemente marcada pela atuação das igrejas Luterana e Católica e que ao longo do século XX passa a lidar, também, com as acomodações das religiões e religiosidades afro-brasileiras. Ao se perguntar se existe lugar para macumba em terras colonizadas por alemãs, a pesquisadora traz à luz as tensões que sinalizam essas acomodações. O advento de identificações e dizibilidades próprias das religiões de matriz africana nos periódicos joinvilenses fora acompanhado de alertas, silenciamentos e rejeições, advertindo à população local para os riscos de se deixarem seduzir pelas macumbas.

A literatura umbandista é o objeto da pesquisa de José Henrique Motta de Oliveira. O referido articulista se debruça sobre a obra do médium W. W. da Matta de Silva (1917-1988), na qual identifica um projeto de vida voltado à codificação da umbanda. O religioso é apresentado como um intelectual do seu tempo, influenciado pelo pensamento determinista e evolucionista característico do início do século XX. Como uma espécie de "Menocchio" para a religião, Matta e Silva constrói sentidos e nexos para as práticas religiosas que defendia, diferenciando-a das demais religiosidades afro-brasileiras.

Victor Santelli Botter discorre sobre as formas de representações sobre a memória no caso de intolerância religiosa ocorrido na cidade de Terra Rica (PR), em 1960. O confronto envolveu católicos e umbandistas no dia de Finados e aconteceu em frente à Igreja de Santo Antônio da Pádua. O motivo fora a disposição destes últimos em realizar uma procissão em homenagem aos mortos e levar flores até o cemitério da cidade. O distúrbio deixou algumas pessoas gravemente feridas e culminou com o incêndio da Tenda Umbandista São Thomaz Mineiro. O desenrolar do processo-crime contribuiu ainda mais para acirrar o clima de ressentimentos entre os membros de ambos os credos.

Com um estudo que explora a metodologia da Etnografia Surrealista, Rodrigo Lemos Soares apresenta em um texto híbrido os debates sobre o ensino da dança de Exu e Pombagiras e dos rituais de sangue nos terreiros de Quimbanda de Rio Grande (RS). O citado pesquisador parte do princípio que as casas de culto são compreendidas como espaços educacionais que visam manter memórias, sinalizar a existência de culturas específicas e demarcar identidades. A educação, nestes locais, é inerente ao papel de sujeito que se assume. Isto é, o sentimento de pertença carrega parte dos saberes ali debatido. Dessa forma, é de responsabilidade das comunidades de terreiro preservar, por meio da educação, tanto as práticas religiosas quanto as relações que extrapolam estes espaços.

Gerson Machado se dedica a investigar como cenários marcados pelo processo da imigração europeia acolhem as denominações afro-brasileiras na construção das cidades. Para tanto estabelece conexões entre dois centros urbanos no Sul do Brasil, Joinville/SC e Porto Alegre/RS. Sobretudo, procura identificar como essas cidades são repertoriadas com elementos advindos dessas religiões, seja através da ocupação e ressignificação de monumentos, dispostos em espaços urbanos, seja através de atos oficiais, cujo empoderamento dos praticantes aparece de forma difusa e diluída, mas não menos efetiva. A reflexão também aponta para questões fundantes de como o ocidente se relaciona com o uso dos recursos

planetários e aponta para a necessidade de uma mudança de paradigmas inspirados, também, nos valores e práticas afro-brasileiras.

O artigo de Jakson Meller *et alli*, apresenta dicas válidas da aplicabilidade da Lei Federal 10639/2011, relacionadas ao ensino de ciências. Especificamente, o autor reflete sobre experiência desenvolvida com alunos do ensino médio da rede pública de Santa Catarina, sobre estratégias do uso de narrativas referentes ao orixá Ossain, tido como o dono das plantas e seus segredos. O artigo relata o quanto tal recurso pode ser utilizado como motivação para a abordagem etnobotânica, do uso de plantas terapêuticas associado ao conhecimento científico, apostando numa relação dialógica no processo de construção dos saberes.

O artigo de Denísia Martins Borba propõe uma aproximação das narrativas afro-brasileiras, inspirada no conceito de Walter Benjamin, e o reconhecimento desse repertório como parte do patrimônio cultural. Tensionando alguns aspectos da elaboração benjaminiana ela indica que a figura do narrador está viva e presente nesses segmentos sociais, já que a oralidade ocupa papel fundante nos terreiros e ilês axés. Os saberes, os segredos e formação dos grupos dependem da presença de narradores autorizados, cuja autoridade se dá pela senioridade estabelecida pelo tempo ritual da iniciação.

Próximo a este campo de discussão, Bruna Avila da Silva, expõe uma reflexão sobre as concepções afro-brasileiras de tempo como categoria organizativa da vida social e religiosa. Parte do pressuposto de que os terreiros são espaços onde o tempo no *Àiyé* (aqui) encontra-se com o tempo do *Òrun* (lá). A perspectiva de um sistema circular entre esses dois espaços se reflete na organização do trabalho ritual, sem desconsiderar a ocorrência de contradições geradas pela coexistência de temporalidades distintas dada pela presença dessas de duas formas distintas de conceber e organizar o mundo social: o pensamento capitalista e o afro-brasileiro.

Convidamos a todos os interessados a se dedicarem a uma leitura de artigos que retratam a aproximação de vários campos das ciências humanas com o fenômeno das religiões/religiosidades afro-brasileiras e suas relações com o cotidiano em que elas se constituem, visando contribuir com a construção de uma cultura de respeito e valorização do repertório afro-religioso na constituição da sociedade brasileira. Desejamos uma excelente leitura a todos!

Prof. Dr. José Henrique Motta de Oliveira

Laboratório de História das Experiências Religiosas - LHER/IH/UFRJ

Prof. Dr. Gerson Machado

MASJ / Unilasalle

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 2019.